

A CIDADE, O VÍRUS E EU

Carina Mendes dos Santos Melo
mendes.carina@gmail.com

1. REGRESSÃO

Pandemia, coronavírus e quarentena são três das muitas palavras que se apossaram das nossas vidas em 2020. Lembro-me que os primeiros meses do ano, até aquela segunda semana de março, foram marcados por eventos rotineiros, como idas e vindas à escola, ao mercado, à academia, ao trabalho, e por outros eventos nem tão rotineiros assim.

Um dia antes do início da quarentena estive em uma festa *petit comité* de uma querida amiga. Bom papo regado a vinho e acompanhado de comidinhas caprichosas. A preocupação com o vírus já estava alardeada, mas, talvez ainda legitimados pela descrença, permitimo-nos abraços calorosos de boas-vindas e de despedidas.

Naquela semana, havia eu retornado de uma agradável viagem com minha mãe ao Nordeste. O principal motivo da viagem não era leve; visitar minha avó que anda enferma há uma década, talvez um pouco mais. Apesar da carga emocional, esses momentos de companheirismo com minha mãe me alegram a alma. Sabemos nos divertir ainda que em situações difíceis. Foi possível desfrutar da praia, sol ameno e água morna, beber uma cerveja, saborear uma boa comida, e circular pelo burburinho da orla, com suas músicas e artesanatos.

No aeroporto, entretanto, já pairava a preocupação com o tal coronavírus. Algumas pessoas de máscara circulavam pelos saguões e olhávamos uma para a outra um pouco desconfiadas. Seria necessário tudo aquilo? Não parecia claro ainda...

No mês anterior acabara de escrever minha tese de doutorado. Nossa que alívio! Terminava ali uma saga de 4 anos de uma espécie de quarentena mental. Eu comigo mesma. Pude assim usufruir do carnaval, apesar de uma programação pouco carnavalesca. Outra vez, pude desfrutar da praia, dessa vez com sol de 40 graus e água gelada; e a tranquilidade da convivência em família num quintal cheio de afeto. Não ouvira ainda falar do vírus como ameaça real. E hoje agradeço a ignorância daquele momento.

Freando o ímpeto retrospectivo *A.P.* (antes da pandemia), próprio de quem busca fugir do momento, lembro-me do primeiro dia da quarentena, quando passei a viver encerrada em meu apartamento. Apesar dos sinais premonitórios das semanas anteriores, a ruptura com a rua pareceu ocorrer da noite para o dia. De repente os encontros se virtualizaram e a cidade se encerrou no recorte da minha janela; uma visão enquadrada que passou a ser complementada pela percepção mais aguçada dos sons externos.

2. REAÇÃO E ADAPTAÇÃO 45-60-75

Os primeiros 45 dias desde aquele 16 de março foram os mais difíceis, sem dúvida. Assisti a rua morrendo aos poucos. O clube, que de minha janela sempre via animado pelos banhos de piscina, churrascos e festas (que por vezes atravessavam a noite atrapalhando o sono), silenciou. A igreja, com seus cânticos repetitivos do domingo também. O barulho irritante dos ônibus foi se tornando menos frequente, o que, nesse caso, alegrou-me. O progressivo esvaziamento foi alcançando inclusive os poucos desavisados que nos primeiros momentos teimavam em circular.

O rompimento com a rua transportou-me à Bauci¹, cidade que se elevava acima das nuvens, sendo acessada por escadas. Nela, os habitantes raramente eram vistos lá embaixo, em terra, pois tinham todo o necessário lá em cima. Uma das hipóteses para esse comportamento era o elevado respeito que tinham pela terra, ao ponto de evitar qualquer contato. Fato que se assemelhava à reação necessária por aqui, naquelas primeiras semanas, mas que nem de perto alcançou a totalidade dos habitantes, já que na minha Bauci, os governantes não concordavam quanto aos protocolos adequados ao enfrentamento do vírus.

De toda forma, outro fato é que não existia uma cidade elevada, mas somente as paredes do meu apartamento, para onde tive que transferir todas as atividades antes realizadas na cidade lá de baixo. Momento confuso de adaptação, adequação, empolgação e frustração, em que aqueles eventos rotineiros, escola, mercado, academia, trabalho, foram trasladados para dentro de casa, e aqueles não-rotineiros cessaram. Nada de festas, viagens, encontros e reuniões.

Ao final desses 45 dias chorei por alguns minutos após o café da manhã. Parece que foi o momento em que o contexto de exceção e a falta de expectativa de saída da crise

¹ CALVINO, Italo. **As Cidades Invisíveis**. 2. ed. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

se consolidaram para mim como realidade. O relato de casos de infectados e de mortes pelo vírus se avolumaram, se tornaram mais recorrentes, passaram a chegar por meio de conhecidos, via mensagens de celular. Nesse período assisti incrédula ao agravamento do caos no contexto político e à interrupção dos meus planos pessoais.

Ao completar 60 dias de crise na saúde e na política, passei a lembrar-me daqueles filmes de futuro distópico. Dois meses de confinamento sem pisar na rua, sem transitar pela cidade. Aliás, enquadrada em minha janela, não fossem os carros de som da prefeitura lembrando o motivo do seu esvaziamento, a cidade parecia congelada. Percebendo-a mais atentamente, e relembro dos sons que a preenchem no período *A.P.*, passei a notar a prevalência daqueles antes abafados. O apitar dos navios que transitam pela Baía de Guanabara, o carcarejar dos galos, o canto dos pássaros, o latido de cães, o som do varrido da calçada do clube pela manhã.

Impulsionei o meu potencial camaleoa a partir do momento em que anulei a expectativa de uma saída eminente. Deste ponto, adaptei-me mais energicamente à nova rotina enclausurada, conseguindo manter certa dose de sanidade, pelo menos assim acredito. Estudos, trabalho, família, lazer, tudo em meia dúzia de espaços interconectados, protegidos por uma porta principal. Passei a sentir um certo privilégio amargurado frente a consciência da situação precária de tantas outras pessoas.

O efeito colateral dessa adaptação forçada e supostamente sã, foi desenvolver uma certa aversão à rua. A cidade passou a incorporar os (des)qualificativos de perigosa e doente e, passados dois meses, passei a refletir se ela ainda existia para além de minha janela. Recobrava minhas memórias de suas ruas, de seus edifícios, de seus símbolos, repassando-os insistentemente pela mente para que ela tornasse a existir, conforme recomenda Marco Polo a respeito da cidade de Zirma². Como a memória é redundante, e só repetir os símbolos para que a cidade exista.

Agora, aos 75 dias, começa a se falar de um “novo normal”. Atenho-me a essa expressão que parece revestir-se do propósito de impingir o sentido do que é comum, habitual ou costumeiro, isto é, parece aludir a uma possível retomada do estágio *A.P.* E daí vem a contradição da expressão, como ser novo e ser habitual? Ponderando um pouco mais, penso que o normal aqui talvez se refira ao sentido de “conforme as normas”, e aí sim, passa a ter algum sentido: uma vida de acordo com novas normas. Normas que sejam

² *Ibidem*

capazes de mediar uma existência pacífica entre as pessoas, a cidade e o vírus; expectativa que parece desconsiderar o decolar da curva pandêmica no país.

Essa perspectiva me enseja agora algumas projeções. Será possível essa adaptação? Como encarar novamente esse exterior perigoso, contaminado? E como lidar com a impossibilidade dos contatos, das trocas, dos toques? Será como em Cloé³, onde as pessoas passam pelas ruas e não se reconhecem? Se veem, imaginam como poderiam ocorrer os encontros entre elas, mas não se cumprimentam, desviam os olhares...

Todos de máscaras, com seus frascos de álcool em gel, cumprimentando-se de longe e evitando fitarem-se com medo da aproximação do outro. Serão tempos estranhos certamente. Talvez mesmo distópico. Seremos capazes de voltar ao normal realmente? Transitar pela cidade do modo com o qual estávamos habituados? E os encontros em casa de amigos e viagens em boa companhia, quando terão vez novamente? Comidas e abraços compartilhados quando voltarão a acontecer? São perguntas que me veem à mente após esses 75 dias de quarentena, ou melhor, de isolamento social, para aplicar agora o termo correto.

Em 30 de maio de 2020

3. DIGRESSÃO: AS CIDADES E O DESEJO⁴

Quem chega a Ioretin não percebe as mudanças pelas quais a cidade passou. Seus habitantes transitam pelas ruas abraçando-se, fitam-se demoradamente, conversam pelas calçadas. Ao som das vozes misturam-se a dos pássaros, das músicas, dos ventos.

Não parece que a cidade viveu um duro período de quarentena, época em que seus habitantes se mobilizaram para evitar a propagação de um vírus com alto potencial de disseminação e letalidade. Junto à crise sanitária, enfrentaram um governo centralizador perverso que lutou contra medidas de proteção expondo a população ao perigo. Saíram mais fortes e mais unidos. Derrubaram o governo, venceram o vírus e reocuparam a cidade.

Em Ioretin os habitantes têm agora o costume de se aglomerarem nas praças, nas ruas, nos mercados, passeiam pela orla, fazem festas, confraternizam. A quarentena permitiu-lhes ainda perceber aspectos que antes os incomodavam na cidade e

³ *Ibidem*

⁴ *Ibidem*

vislumbraram as possibilidades de sintonia com ela. Assim, os meios de transporte tornaram-se mais silenciosos, as ruas mais limpas e a natureza passou finalmente a ocupar lugar privilegiado, integrando-se harmoniosamente com a cidade e seus habitantes.